

MINISTÉRIO DO INTERIOR - SUDECO
FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS - FIPE

RELATÓRIO DE VISITA À FRENTE DE ATRAÇÃO ZORÓ

Roberto Gambini

NOVEMBRO
1983

ÍNDICE

	Pág.
I. SITUAÇÃO DA PESQUISA	003
II. HISTÓRICO	004
III. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	008
IV. A ALDEIA	013
V. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO	019
VI. TRABALHO, PRODUÇÃO E CONSUMO	025
VII. SAÚDE	029
VIII. CULTURA	031
IX . CONCLUSÕES	033

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DA FRENTE DE ATRAÇÃO ZORÓ

I. SITUAÇÃO DA PESQUISA

Por ocasião de nossa visita, encontravam-se na Frente de Atração Zoró: o chefe, Natalício da Silva Maia; sua esposa e duas crianças, que logo viajaram para Porto Velho; o atendente de enfermagem José Carlos Marafiga Leal; e o motorista Vitória Marcelino, contratado como braçal pelo Projeto POLONOROESTE. Todos foram cooperativos na prestação de informações. A dificuldade maior é obter dados dos próprios índios, já que apenas um, de nome Wa-kin (apelido : Grilo), Cinta Larga, morador da aldeia desde seu início, consegue atuar limitadamente como intérprete. Devido a essa sua capacidade, de extrema importância para a organização da comunidade por parte da FUNAI, esse rapaz recebe um pagamento mensal de Cr\$ 25.000,00, a despeito de fazer o mesmo trabalho que todos os demais. Como ajudante de ordens do chefe da Frente, transmite e traduz seus comandos. Além dele, cinco outros homens conseguem pronunciar algumas frases em português; mas de modo geral a comunidade capta o sentido das ordens do chefe, com base na entonação, enfática por este utilizada e palavras-chave como "trabalhar", "roça", "plantar", etc.

A única dificuldade encontrada foi realizar um recenseamento detalhado da população, como era nosso plano, pois no dia apropriado, um domingo, quando todos deveriam encontrar-se na aldeia para tal fim, o chefe da Frente resolveu enviar grupos de homens para vistoriar eventuais invasões em zonas afastadas da aldeia. Era a primeira vez que se realizava esse tipo de expedição, sendo essa iniciativa louvável.

Não existe bibliografia sobre os Zoró. Conhece-se apenas um artigo da Revista Geográfica Universal, de novembro de 1977, nº 38, registrando o momento do contato. As fotos aí pu-

blicadas são um documento precioso, dado o contraste com o que se vê hoje na aparência dos índios. A antropóloga Elizabeth Forseth visitou os Zoró em fevereiro de 1983 e registrou suas observações num competente relatório.

II. HISTÓRICO

Não é tarefa simples reconstituir o processo de contato com os índios Zoró, apesar deste ter-se iniciado apenas em 1977. Pude contar com informações prestadas pelo chefe da Frente, e dados contidos em alguns recortes de jornais arquivados em São Paulo pelo CEDI - Centro Ecumênico de Documentação e Informação. A fonte mais importante seria o relato dos sertanistas e dos próprios índios, mas infelizmente este nos é vedado por razões linguísticas.

Segundo os jornais, foi Francisco Meireles, sobrevoando a área em 1968 em busca de Suruí quem primeiro localizou malocas Zoró no meio da selva. Durante os anos seguintes, certamente houve contato e atrito por parte dos seringalistas e colonos que avançavam pelo território Zoró. Em fins de 1976 (ESP 9/12/76) Apoena Meireles declara à imprensa que a terra dos Zoró está sendo ocupada por fazendas em expansão e por essa razão propõe à FUNAI a realização de uma expedição e a interdição da área, alertando para que não se repetisse a dizimação ocorrida após o contato com os Suruí e os Cinta Larga. Segundo ele, havia na ocasião 800 índios, distribuídos por 8 aldeias nas proximidades do igarapé Tiroteio - de onde viria esse nome?

No início de 1977 (FSP 21/7/77) o sertanista José do Carmo Santana (Zébel), ex-chefe do Parque do Aripuanã, denuncia igualmente o avanço de fazendeiros e seringalistas e alerta para a necessidade de iminente vacinação dos Zoró, para que não se repetisse a mortandade que em quatro anos reduziu os Suruí de 800 para 300, devido ao sarampo e à tuberculose.

Em outubro de 1977 tem início a atração (ESP 13 de novembro de 1977) segundo a técnica do namoro: espelhos, facas e panelas pendurados num tapiri até que um índio mais corajoso viesse apanhá-los e se alegrasse. Índios Xavante , Pakaa - Nova , Suruí e Gavião auxiliaram no contato.

No mês seguinte (ESP 8/11/77) Apoena Meireles pede ao presidente da FUNAI, Ismarth de Oliveira, que determine a imediata interdição da área, mas este recusa-se a implementar tal medida, certamente pensando nas dificuldades políticas que en frentaria com os fazendeiros e seus representantes, alegando que a defesa da terra prevista no artigo 25 do Estatuto do Ín dio bastaria para garantir a integridade dos Zoró. O decreto de interdição só será promulgado em abril de 1978, mas sabe-se que pouco vale na prática se não acompanhado da efetiva demarcação e proteção dos limites. Em novembro de 1977, Apoena Meireles havia contatado duas aldeias e falava já na existência de 500 índios. Informa na ocasião que o contato vinha sendo fa cilitado pela disposição dos Zoró de se aproximarem das fazendas.

No mês seguinte (ESP 30/12/77) 80 deles já estão acometidos de gripe. O médico da FUNAI responsável pela área, Dr. José Américo, calcula os Zoró em 450 e acha que a gripe veio da fazenda Castanhal. Na ocasião, solicita à FUNAI um helicóptero para poder aplicar vacinas nas várias aldeias.

A informação seguinte contida no arquivo do CEDI é de meados de 1978 (Globo 25/6/78). Fica-se sabendo que a vacinação de 400 Zoró contra tuberculose, difteria, tétano e sarampo foi paralizada devido a um ataque Suruí a cinco indivíduos Zoró. O que houve depois não se sabe. Sabe-se, isso sim, que ho je os Zoró da Frente de Atração não chegam a 200, a menos que alguns permaneçam no mato ou na Área Indígena do Lourdes.

A idéia de Apoena foi juntar todos os Zoró numa única aldeia central. Após o trabalho inicial de contato, o sertanista deixou na área um chefe de nome ou apelido Pelé. Segundo re

lata o atual chefe, esse tal Pelé teve uma atuação desastrosa, abusando das mulheres e ameaçando os homens com espingarda, além de não fazer obra nenhuma na área. Informa que a própria FUNAI o entregou à polícia. Depois dele houve outros dois chefes (nomes ?) mas os índios não gostaram da experiência e foram se refugiar no Lourdes, distante dois a três dias de marcha, onde se encontravam os Gavião e os Arara. Isso em 1979.

É extremamente importante pesquisar-se o que ocorreu no período 1979-81, data da chegada do atual chefe e do reagrupamento na área central. Nesses dois anos passados no Lourdes os Zoró estiveram em contato com missionários protestantes da missão New Tribes, convertendo-se a essa religião. Supondo originar-se aí uma radical quebra de sua identidade cultural. Tudo indica que nessa época os Zoró adquiriram o sentimento de vergonha de serem o que são e de sua nudez. Voltaremos a isso no item VIII.

O velho cacique Paiô, um pacato senhor, teve um papel de destaque nos momentos de crise com a FUNAI e de guerra com os Suruí, atuando como eficiente diplomata conciliador.

Em 1981 Apoena trouxe Natalício para chefiar a Frente. Este pertence à FUNAI desde 1975, tendo trabalhado antes em Guajarã-Mirim e no rio Negro-Ocaia. Quando chegou, diz ele, não havia roça e nenhuma benfeitoria, apenas uma casa, 13 índios (entre os quais o citado intérprete Cinta Larga) e oito (!) funcionários da FUNAI. Estes foram removidos a seu pedido e desde então Natalício começou a por em prática seu plano de desenvolvimento da Frente de Atração Zoró.

Segundo consta, ainda há alguns Zoró vivendo no Lourdes. Como as condições de sobrevivência nessa localidade supostamente sejam inferiores às da Frente Zoró, muitos tem-se deslocado para esta última.

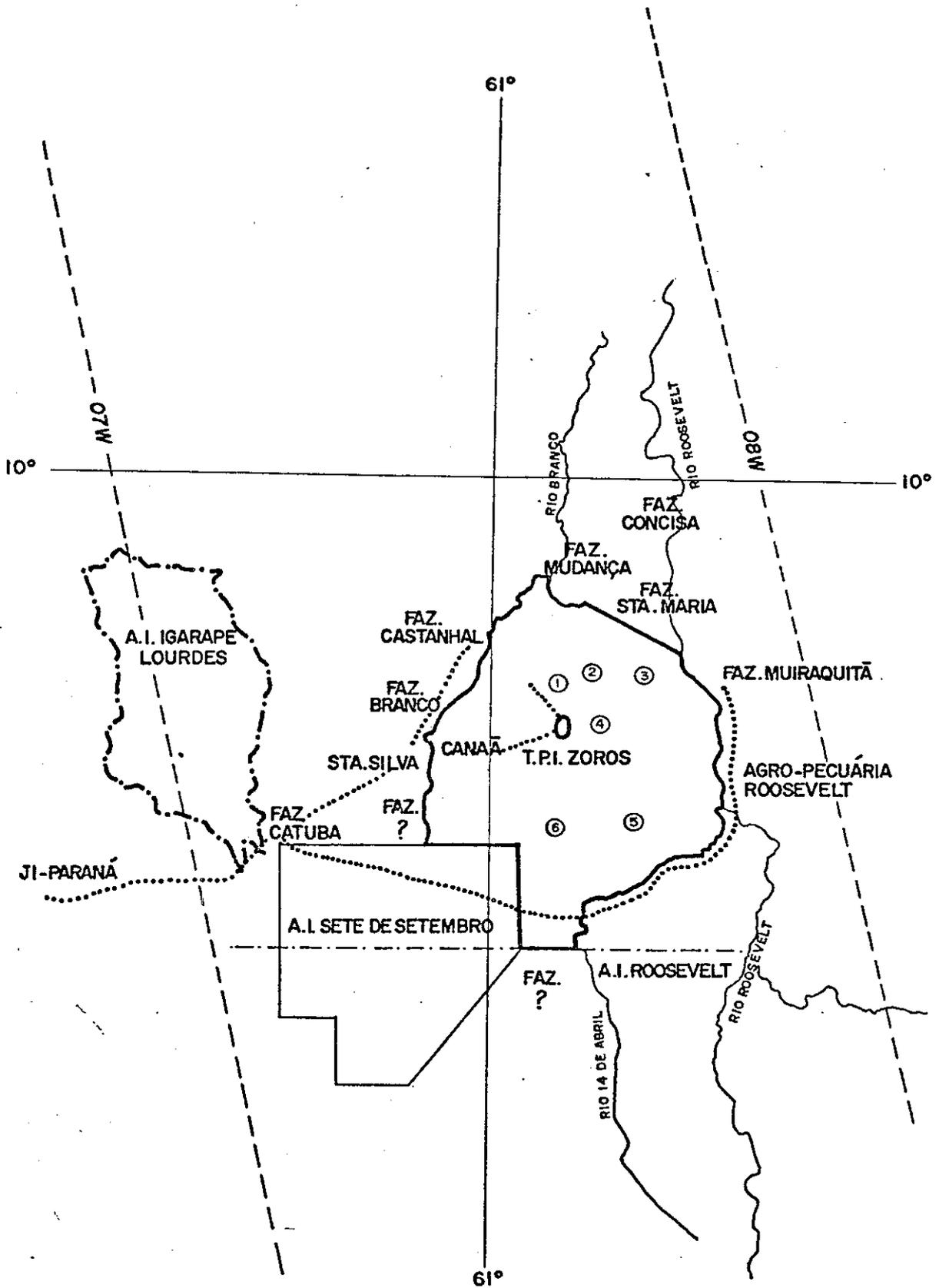
Não há indícios de que haja índios Zoró perambulando pela área.

III. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

O território Zoró não está ainda demarcado. Com base no decreto 81.587, de 19/04/1978 (dãdiva do Governo no dia do Índio), é considerada área interditada a região situada entre as coordenadas de 10° e 11°, na altura aproximadamente do meridiano 61°. Essas terras se localizam no extremo Noroeste do estado de Mato Grosso, não muito longe das fronteiras com Rondônia e Amazonas. A região é recoberta pela floresta tropical, mas as clareiras desmatadas pelas fazendas e glebas concedidas pelo INCRA se fazem cada vez mais presentes. O território Zoró, conforme a demarcação legal, fica limitado a Oeste pelo rio Branco e a Leste pelo Roosevelt, seguido, na direção Sul, pelo Quatorze de Abril, que separa os Zoró dos Cinta Larga da Área Indígena Roosevelt. A sudoeste estão novamente os Suruí da Área Sete de Setembro, mas aqui o limite é uma linha imaginária e portanto só existente no papel enquanto não houver abertura de picadões. Ao norte o limite parte de um eluente do rio Branco e depois se torna outra linha imaginária que vai até o rio Roosevelt, na altura do igarapé Tiroteio.

Quais teriam sido os verdadeiros limites do território Zoró, segundo sua própria concepção e o acordo de seus vizinhos é algo que somente cuidadosa pesquisa poderá revelar. Não se tem elementos, hoje, para comprovar em que medida esse decreto faz justiça às dimensões imemoriais de seu território ou o reduz a menos do que sempre foi. Do ponto de vista etnológico o esclarecimento dessa questão é de grande importância; mas em termos práticos o tema já é supérfluo, pois a um palmo dos limites definidos (mas não ainda fisicamente demarcados) uma cadeia de fazendas circunda essa área como limite inexorável e sempre prestes a expandir-se para além dos rios.

É significativo notar que na ocasião de nossa visita o chefe da Frente não tinha uma noção precisa dos limites da área e provavelmente esse assunto não faz parte de suas preocupações.



pações. Ao tomar conhecimento de nosso interesse pelo tema, queixou-se não ter jamais recebido a menor orientação por parte da FUNAI a esse respeito. Sua noção é de que a área tem 280.000 ha. O piloto João Sedlasek, de Ji-Paraná, bom conhecedor da região e suas fazendas, calcula que a área tenha cerca de 70 km no sentido Norte-Sul e 60 km no Leste-Oeste.

Por decisão do sertanista Apoena Meireles, a aldeia foi localizada num ponto relativamente central, talvez para manter-se equidistante das duas grandes fazendas a Leste e Oeste.

As informações sobre as fazendas ao Norte são vagas. Fala-se em duas grandes fazendas, Mudança e Santa Maria. Talvez sejam uma só. É possível que já tenham atravessado a linha demarcatória imaginária, pois não há a menor chance de controle por parte da FUNAI. O mencionado piloto João afirma que Armando Peralta, de Cubatão, São Paulo, tem terras que vão do Branco ao Roosevelt. Descendo esse último, rumo ao norte, está a fazenda Concisa, de gado, estabelecida há 12 anos, em terras que eram dos Arara.

A oeste, há quatro fazendas que bordejam o rio Branco: Castanhal, Rio Branco, Santa Silva e outra não nomeada. Entre as áreas dos Postos Indígenas Lourdes e Sete de Setembro, penetrando neste último, localiza-se a fazenda Catuba. Entre as áreas Sete e Lourdes, ao Sul dos Zoró, já existe outra fazenda, não nomeada.

A leste, junto ao rio Roosevelt, estão as terras da Agro-Pecuária Roosevelt e a fazenda Muiraquitã.

Os índios frequentemente visitam as fazendas mais próximas, especialmente esta última e a Castanhal. Comem e dormem nelas em suas visitas, compram alguma coisa nos armazéns com o dinheiro proveniente da venda de seu artesanato pelo chefe em Porto Velho, pegam laranjas e sentem-se muito atraídos pelo que vêem. Não parece de modo algum que percebam essas fazendas como ameaça a suas terras ou sua integridade cultural; antes, muitos deles gostariam de poder trabalhar nelas, tendo

já se oferecido para tanto. O trajar do peão e o desenho de sua casa já são uma influência integrada pelos índios, assim como o desejo de possuir o que os colonos possuem, do rádio ao relógio e à linguagem.

A fazenda Castanhal é a que exerce maior influência. Foi lá que o cacique Paiô cortou o cabelo, num gesto simbólico de aceitação desse mundo. Seus proprietários são Miguel e José Fortes, de São Paulo. A fazenda possui aviões, duas pistas de pouso, 19 mil cabeças de gado, três máquinas de esteira, três tratores, caminhão, armazém, serraria, farmácia, restaurantes, marcenaria, sede, 15 casas de colonos, cerca de 80 peões, plantações de milho, arroz, feijão, mais de mil pés de laranja, gerador, quatro barcos. Viaja-se quatro horas de barco pelo rio Branco sem sair de seus limites. O pessoal dessa fazenda contou os Zoró antes da FUNAI em 1977, não se sabe quando e com que grau de violência. Provavelmente houve mortes de parte a parte e se a FUNAI resolveu "pacificar" os índios foi também para defender os interesses da fazenda. A fazenda Castanhal é um mundo que fascina os Zoró, que a atingem num dia de marcha. O peão, pelo menos para alguns rapazes, é o Homem Novo, o ideal a ser atingido.

A FUNAI está fazendo os índios abrirem com moto-serra e facão uma estrada com quase 10 metros de largura ligando a aldeia à fazenda Castanhal. Metade do percurso já foi aberta e serve como caminho de caça - embora o rápido crescimento do mato esteja reincorporando à floresta o que dela foi tirado. Talvez o trator da fazenda seja alugado para tornar essa estrada transitável. A razão disso é dupla. De um lado, a fazenda seria o único comprador viável - mas com total poder de fixar preço - para o excedente de milho, arroz e feijão da última colheita. Impossível transportar esses produtos de avião para Ji-Paraná, por exemplo, porque a operação seria totalmente anti-econômica. Isso faz supor que a criação de um excedente se associa à abertura da estrada. Afinal, da ótica do progresso, o isolamento é sinal de atraso. A outra razão é que chegando-se à

fazenda, chega-se a Ji-Paraná, por rio ou pela estrada que a fazenda abriu. Quando isso acontecer os Zoró já poderão ir sozinhos até a cidade.

Outro caminho que a FUNAI fez os índios abrirem este, uma picada - liga a aldeia ao rio Canãa, onde foi derrubado um trecho da mata para o plantio de roça ainda este ano. A razão alegada é garantir abrigo (há um barracão de palha) e alimento para os índios quando aí forem pescar, evitando que as mulheres tenham que carregar mandioca. Como porém os Zoró (como os Cinta Larga, os Suruí) são dados a frequentes expedições, algumas levando vários dias de marcha, deve-se notar que o estabelecimento dessa "colônia de férias" obedece a um referencial civilizado, contrapondo-se ao nomadismo desses índios. Quando cheguei, à exceção de um rapaz com o pé machucado e algumas mulheres e crianças, todos estavam trabalhando no Canãa.

A estrada que liga a fazenda Castanhal a Ji-Paraná provavelmente passa pelas outras fazendas da beira do rio e também pela Catuba, entre duas áreas indígenas. Dessa fazenda Catuba parte outra estrada que liga à fazenda Muiraquitã, possivelmente penetrando na parte Sul do território Zoró e também nos Postos Sete de Setembro e Roosevelt. É extremamente importante verificar o real traçado dessas duas estradas, pois caso de fato penetrem em zonas interditas são cabíveis medidas judiciais.

Há também as linhas retas que cortam a floresta, abertas pelo INCRA para doação de terra. Seria preciso investigar onde exatamente se localizam essas linhas, bem como os lotes de 21 e 42 alqueires doados a colonos e em franco processo de desmatamento, com relação aos territórios interditados.

Não resta a menor dúvida de que este é o momento oportuno para a demarcação das terras. Aparentemente ainda não há litígios, embora seja provável que os limites norte e sul já tenham sido ultrapassados pelas fazendas. Estas expandem, derubam porções cada vez maiores da floresta e vão fechando um

cercos em torno da área Zoró, salvo nos pontos em que esta se limita com as terras de seus inimigos Suruí. Talvez seja essa razão suficiente para uma definitiva aliança de paz.

Estão assinalados no mapa, tentativamente, os locais onde seis índios possuem malocas que usam quando vão caçar. Não foi possível saber se antes do contato em 1977 estes eram pontos fixos de residência, talvez de sub-grupos familiares. Além dessas, há malocas abandonadas, não localizadas no mapa, e os restos da primitiva casa da FUNAI às margens do rio Branco. Os donos dessas malocas são: (1) Carequinha, 3 horas a pé; (2) Jacaré, 4 horas; (3) João Grande, 6 horas; (4) Paiô, 2 horas; (5) Tatu, um dia a pé e (6) Zap-ã, também um dia. As outras distâncias/tempo são: um dia a pé da aldeia até a fazenda Muiraquitã, 8 horas até a Castanhal, duas horas até a roça do Canãa.

É de grande importância a presença dos índios nessas malocas em expedições de caça para marcar sua posse. Porém, como prevalece um regime de trabalho de 2a. a 6a. feira, isso se torna extremamente difícil.

IV. A ALDEIA

Antes de 1977, ocasião do primeiro contato, os índios Zoró não viviam aldeados como atualmente, mas em pequenos grupos separados. Suas malocas dispersavam-se pela floresta, sem clareiras grandes ao redor. A FUNAI é que os juntou todos no mesmo espaço. Houve também a preocupação de mantê-los o mais afastados possível das fazendas que ocupam as outras margens dos rios Branco e Roosevelt.

A aldeia se localiza no centro de uma área desmatada retangular com cerca de 2 km num sentido de 1,5 km do noutro (ver gráfico). O local "oficial" contém as construções numeradas de 1 a 9: a casa do chefe, a casa dos dois funcionários e visitantes e a cantina-farmácia, separadas da pista de pouso

por um terreiro que os meninos varrem quase que diariamente - esse é o espaço onde prevalece maior limpeza. Há duas carreiras de laranjeiras, uma palmeira devidamente cercada de pedras caiadas, alguns pés de caju e de abacaxi. A pista de pouso, sempre bem mantida, é também usada, na faixa fronteira às casas, para um jogo de futebol ao entardecer. Durante a permanência do pesquisador, iniciou-se a abertura de um poço ao lado da casa da FUNAI. O encarregado trabalhou no primeiro dia, para mostrar como se faz, e daí por diante passou a escalar dois homens por dia para dar continuidade ao trabalho. Na época seca (abril-agosto), as águas do igarapé que atravessa a aldeia não sobrem mais do que 50 cm. Outra fonte de água é uma pequena vertente na cabeceira da pista. Cabe aos meninos o trabalho diário de ir buscar água para as casas 1 e 2.

O rádio é operado na cantina, havendo dois contatos diários com a Delegacia da FUNAI em Porto Velho. Como se trata de uma Frente de Atração, a FUNAI custeia a compra de alimentos para seus funcionários. Há um bom estoque de arroz beneficiado, feijão, farinha, açúcar, leite, óleo e outros enlatados. Aí também é guardada a munição (cartuchos, espoletas, pólvora, chumbo) usada pela FUNAI como brinde para "recompensar" os índios pelo trabalho semanal. Mais sobre isso adiante.

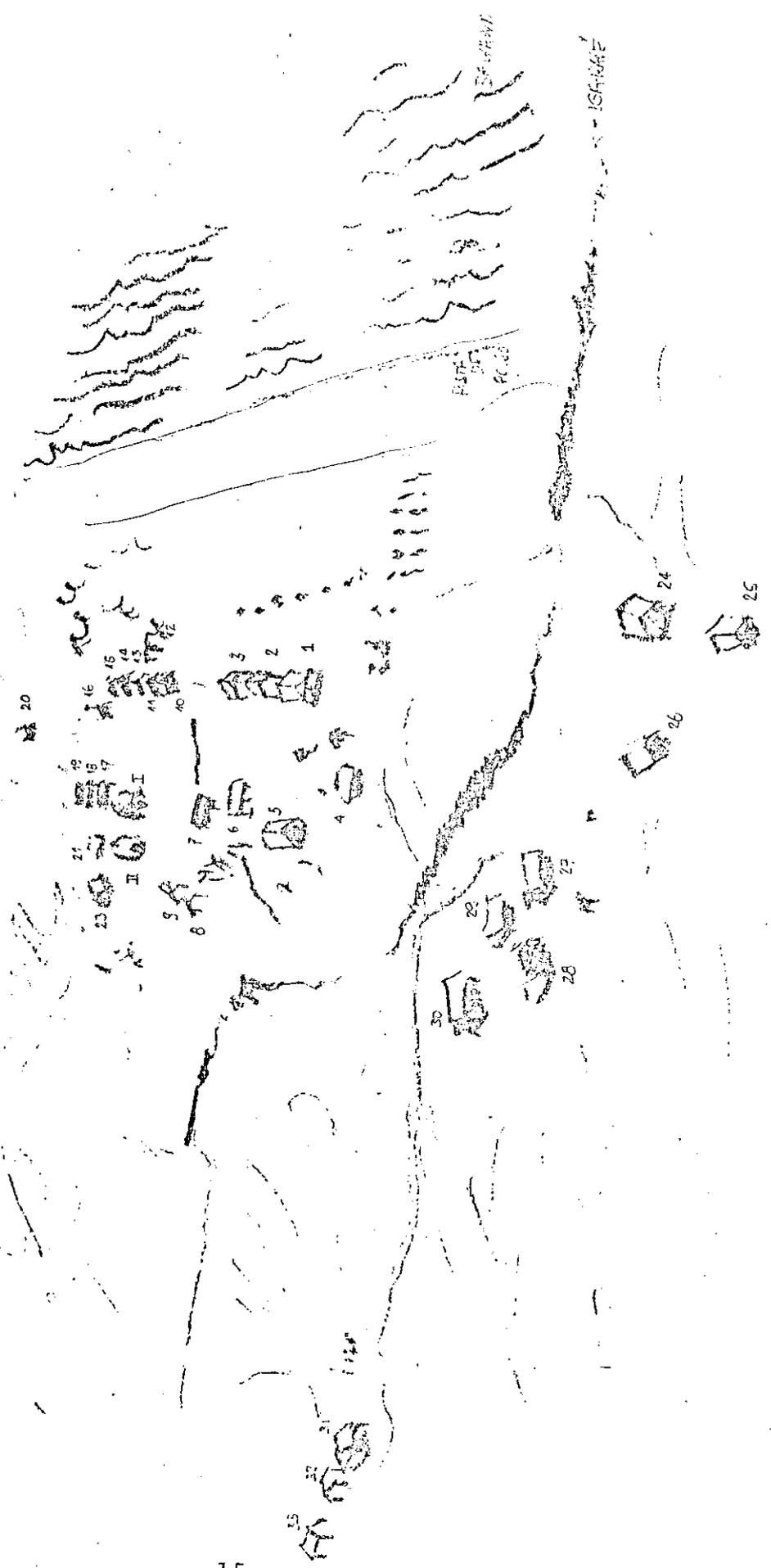
Acompanhemos o gráfico. Na oficina (6) estão o gerador, as moto-serras e enxadas. A cozinha seguindo um modelo militar, é operada por dois garotos índios e fornece café da manhã e almoço para os homens que saem para o trabalho diário. Os três paióis existentes estão repletos de milho e arroz. Veja remos no item VI o que significa essa abundância.

A outra metade da parte central da aldeia é ocupada pelas casas índios. Há apenas duas malocas tradicionais (I e II); o resto são casas quadradas (13), residências de famílias nucleares, construídas segundo o modelo da casa do chefe e provavelmente das casas de peões da fazenda Castanhal. A casa do Grilo, que recebe salário da FUNAI e fala um pouco de

ALDEIA ZORO 1983

Handwritten title: Aldeia Zoro

FLORESTA



português, é a mais "civilizada", pois tem o piso elevado, divisão interna e janela. Nessa casa já se vê a ruptura com o hábito indígena de morar sobre a terra e cozinhar no chão. As demais casas reproduzem o interior das malocas, sem prejuízo de nenhum detalhe - as mesmas pedras para sustentar panelas sobre o fogo logo à entrada, pilões, traves para redes. Não foi possível descobrir quando e como se originou esse hábito de moradia familiar, mas certamente não existis antes do contato.

Há uma maloca separada das demais (III) e no outro extremo da aldeia um conjunto de três malocas e dez casa. Numa dessas malocas (VI), hoje abandonada, estão enterrados dez mortos. Essa era a antiga residência do cacique Paiô. O sepultamento não impedia a continuidade da vida diária. Na maloca IV, também abandonada, há duas sepulturas. Prosseguirá esse hábito por ocasião da próxima morte? É provável que ocorra alguma interferência e que se estabeleça um cemitério.

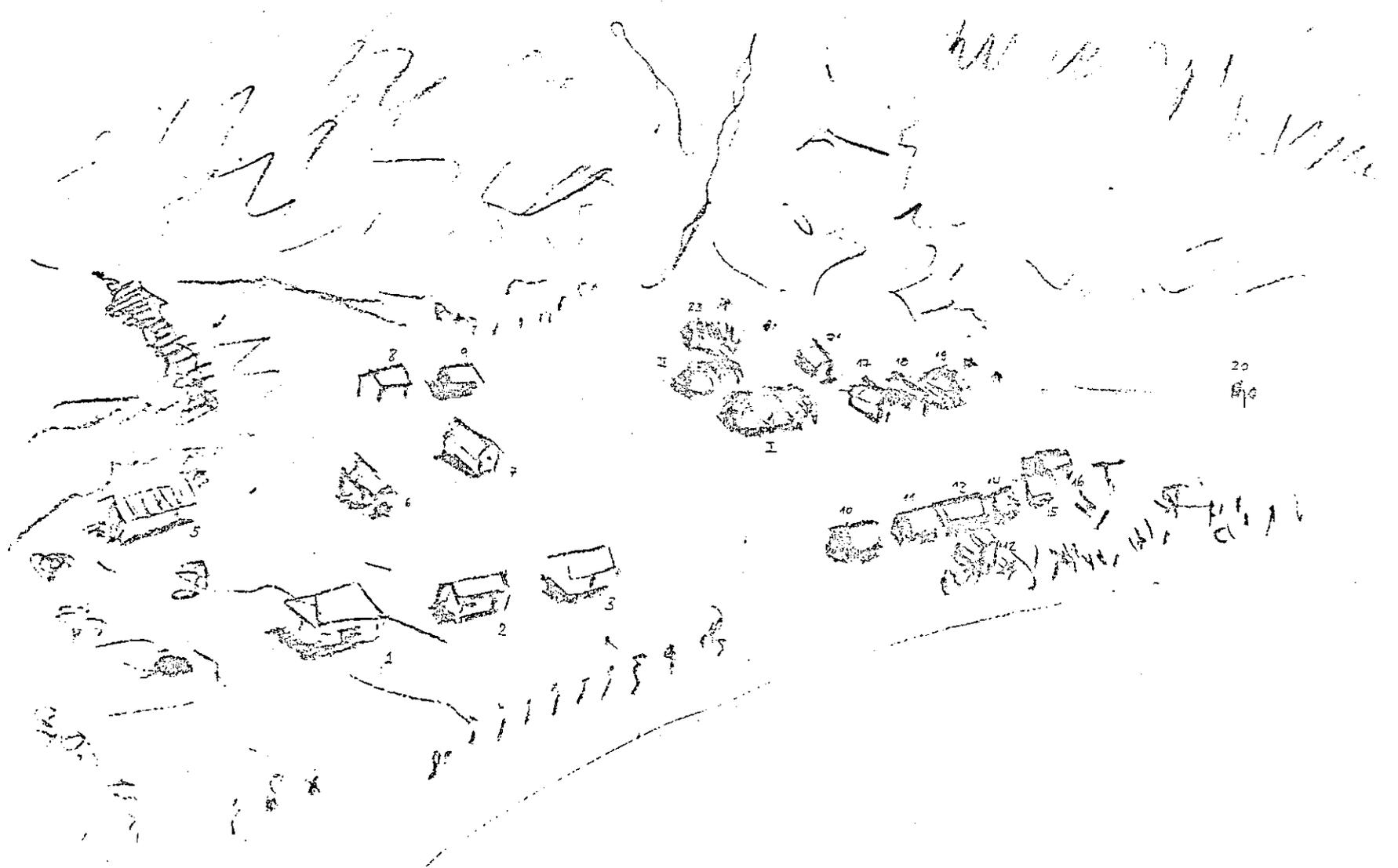
O alinhamento das casas sugere a estrutura urbana e as disposições ortogonais. Teriam os próprios índios disposto suas moradias dessa forma? Houve interferência? Ainda não sabemos. As malocas estão caindo em decadência. É de grande importância preservar essas em que há sepulturas e as demais. Não se observa especial apreço pela arquitetura das malocas e não é improvável que se mande desmanchar as existentes e se distribua seus moradores por famílias nucleares em casas quadradas e alinhadas. A valoração negativa das malocas já é visivelmente assimilada pelos índios mais novos e o padrão imitativo do índio-intérprete indica a tendência.

A casa número 10 foi feita para servir de lugar de reunião. Aí os índios são informados das novas disposições, dos trabalhos que deverão realizar, etc. Ao mesmo tempo, essa casa serve de templo para os cultos realizados nas sextas-feiras e domingos.

Com a exagerada ampliação da área cultivável, a floresta está ficando cada vez mais longe. Derrubadas as capoeiras, desaparecerão das proximidades os mamoeiros, as palmas e

ALDEIA FOIHO 1985

- 17 -



20
8/0

pês de urucum de tanta utilidade, além do algodão que as mulheres plantam pelos caminhos por onde passa, Para a ideologia que passa a imperar, ver o mato longe parece ser sinal de progresso.

V. DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO

Na impossibilidade de realizar um recenseamento, optamos por um levantamento da distribuição da população pelas moradias, seguindo a numeração do gráfico. A população Zoró, incluídas duas famílias de parentes visitantes, soma atualmente 175 pessoas. Há ainda alguns Zoró no Posto do Igarape Lourdes, para onde fugiu todo o grupo em 1979. Nos últimos tempos eles tem vindo visitar a aldeia Zoró e acabam fixando moradia, por haver fartura. O chefe da Frente facilita a atração, pois faz os homens juntarem-se imediatamente aos demais no trabalho.

Prevalece na aldeia o hábito de se rebatizar os homens: Jabã, Gazolina, Xarope, Alicate, Macarrão, etc. Inconscientes de seu sentido pejorativo, os homens aceitam e usam seus apelidos. Em contrapartida, também apelidam: o peão, em língua Zoró, é "o Gordo"; o atendente de enfermagem, "vassoura", devido à barba; eu, o "comprido".

A distribuição por moradia é a seguinte:

Maloca I

29 pessoas

(H) U-wâm (=ronco do avião) (Zé Pimbinha)

(M) Piganzib
(F²) Zapoí

(H) Betabi (Gazolina) (F² de U-wâm)

(M) Aptir
(F²) bebê ainda sem nome

(H) Tangáp (Portugues)

(M) Tchikit
(F²) Pawé-pi

(H) Iti (=veado)

(M) Tchinanpupit
(F²) Panatchina
(F²) Zarpé
(F²) bebê ainda sem nome

(segue)

- (H) Piricâp
 (M) Mantchun
 (F²) Maitchiri
 (F²) Kuicâp
 (F²) Anat-kawap (gêmeo; o outro morreu?)
- (H) Chiwi-tset (José)
 (M) Talantchûr
 (F²) Undi-pulir
- (M) Tip-tira (mãe de Talantchûr)
 (F²) Piricûp (Xará)
 (F²) Tcha-iul
- (H) Patchubin (Gazolina)
 (M) Tipatin
 (F²) Pamboroa
 (F²) bebê, ainda sem nome

Maloca II

6 pessoas

- (H) Tibitchi (Carequinha)
 (M) Tsei-pui
 (F²) Dederûp
- (H) Tse-gar (Jacaré)
 (M) Tiwit-kin
 (F²) ?
- Outros moradores saíram para
casas isoladas

Maloca III

33 pessoas

- (H) Sagapoga
 (M) Mambê-kira
 (F²) Adô-tsep
 (F²) Dé-ra
 (F²) Tan-lin
 (F²) bebê, ainda sem nome
- (H) Ip-tin (Capixaba)
 (M) Maiân-goio
 (F²) Gutsâp-tâp
 (F²) Tsabiricâp
 (F²) bebê, ainda sem nome
- (H) Matsian-zap
 (M) Di-bé
 (F²) Tehire-putzar
 (F²) Tchabui
 (F²) bebê, ainda sem nome
- (H) Gipia-u
 (M) Mutchi-gît
 (F²) Tian-dô
- (H) Tapé-abît (Alicate)
 (M) Ap-ti
 (F²) Pogopoi (Detão)
- (M) Ka-wûr (viúva)
 (F²) bebê
- (Estas 5 pessoas são parentes
visitantes, recém-chegadas do
P.I. Igarapé Lourdes)

(segue)

- (M) Atê (Mamãe Cotia; viúva; mãe do Sagapoga)
(F²) Patchuáp
- (H) Tandarâp (Gongo; bigamo; é o homem mais velho)
(M) Zabetin
(M) Cũnhã
(F²) Ipagawûr
- (H) Tinham-bô (Cabeça Branca)
(M) Cani-wô
(F²) I-tchét

Maloca V

9 pessoas

- (H) Papaiô, Paiô (cacique)
(M) Ji-ûp
- (H) Pabitsi (Salsicha; filho do Paiô)
(M) Kapecût
- (H) Kira (filho do Paiô)
(M) Kananhan-zit
(F²) Zar-copé
(F²) bebê, ainda sem nome
- (H) Medorâp (menino órfão)

Casa 11

5 pessoas

- (H) Wa-kin (Grilo; Cinta-Larga, é o intérprete)
(M) Beptire
(F²) Hugo (homenagem ao sertanista?)
(H) Pewan-u (cunhado)
(M) Awá (sogra)

Casa 12

2 pessoas

- (H) Pogowáp (Tatu)
(M) Motiri

Casa 13

6 pessoas

- (H) Panderewé (Comprido)
(M) Noaweri
(F²) Mandi-u
(F²) Mapotsan
(F²) Djapulé
(M) Wassilip (mãe dele)

Casa 14

7 pessoas

- (H) Zap-á
(M) Tupiranbit (segue)

- (F²) Tapô
- (F²) Au-wô
- (F²) Tchicutchin (=cuspe doce; tb Margarida)
- (M) Bonlin (sogra)
- (F²) Kanti

Casa 15

3 pessoas

- (H) Mekurâp (Macarrão)
- (M) I-on
- (M) Pa-îp (sogra)

Casa 16

7 pessoas

- (H) Magabé (Socó)
- (M) Anzá
 - (F²) Gá-a
 - (F²) Bi-ara
- (H) Sinhanbé (Paulo Sérgio; genro Magabé)
- (M) Biai-cût
 - (F²) I-ûp

Casa 17

5 pessoas

- (H) Koit-perepti (Chicão)
- (M) Macaréi
 - (F²) Be-wi
 - (F²) Tiribit
- (M) Manzét-kit (mãe dele)

Casa 18

6 pessoas

- (H) Zi-cûr (Chiquito)
- (M) Surin-wân
 - (F²) Sina
 - (F²) Piaú-a
 - (F²) Kaptchura
 - (F²) Tapé

Casa 19

9 pessoas

- (H) Zawe-wô (Antonio)
- (M) Pazalia
 - (F², rapaz solteiro) Zap-kabei (Cebola)
 - (F², garoto) Pogôp-tsiri (Tomate)
 - (F²) bebê, ainda sem nome

- (H) Poraquê
- (M) Tsambikir
 - (F²) Tinapoicûr
 - (F²) bebê, ainda sem nome

(Estas 4 pessoas são parentes visitantes, recém-chegadas do P.I. Igarapé Lourdes)

Casa 20

3 pessoas

- (H) Gatchôr
- (M) It-cum
 - (F²) Tsipawe-chût

Casa 21

5 pessoas

- (H) Poai-chut (Papai Manel)
- (M) Kompo-chut
 - (F²) Tchi-panzap
 - (F²) Mangapon-akit
- (H) Tchin-úp (irmão de Poai-chut)

Casa 22

desabitada

Casa 23

3 pessoas

- (H) Chorûr (João Grande)
- (M) Pabi-boi
 - (F²) Zarûp

Casa 24

4 pessoas

- (M) Tiboia (viúva)
- (H) Tibi (filho de Tiboia)
- (M) Tsé-pui
 - (F²) Ipé

Casa 25

3 pessoas

- (H) Tibit (Jabuti) (filho do Paiô)
- (M) Madjilit
 - (F²) Tapeksi

Casa 26 (casa dos solteiros)

5 pessoas

- (H) Zan
- (H) Petáp (Karitiano)
- (H) Panderé-wô (Noivo)
- (H) Adjupui (Maloqueiro)
- (H) Apolá (Mazaropi)

Casa 27

4 pessoas

- (H) Apé-ti (Xarope)
- (M) Tchibuan-zúp
 - (F²) Ga-ír
 - (F²) Arei

Casa 28

5 pessoas

- (H) Dabiro
- (M) Zat-kai
 - (F²) Nat-kawá
 - (F²) Embutzán
 - (F²) Mercedes

Casa 29

2 pessoas

- (H) Putzan-wût (Mazaropi, velho)
- (M) Golia-úp

Casa 30 (era do Colombo, foi para o Lourdes) desabitada

Casa 31 4 pessoas

- (H) Tapô (Baixinho)
- (M) Mandin
 - (Fª) Tchivi-á (com outro marido)
 - (Fª) Toná

Casa 32 4 pessoas

- (H) Iap-cúp (jabá)
- (M) Tapô-andju
 - (Fª) bebê, ainda sem nome
- (M) Kawô (mãe dela)

Casa 33 6 pessoas

- (H) Nhu-wô (Arara, veio do P.I.Arara)
- (M) Akapaua
 - (Fª) Apé-wa
- (M) Pan-zulip (mãe de Akapaua)
- (H) Nhapará (Fª da outra mulher de Nhu-wô, já falecida)
- (H) Tcham-bi (Sabão) (morreu o pai)

total: 175 pessoas

Esta listagem foi feita, de memória, pelo Grilo. É provável que algumas pessoas não tenham sido contadas.

Diz o funcionário da FUNAI que uma de suas primeiras atitudes ao chegar em 1981 foi exortar os índios a viverem bem com a própria mulher e a não desejarem a alheia. Seja por influência dele, ou dos missionários protestantes, ou por ser essa a índole dos Zoró, o fato é que reina grande harmonia conjugal. Desde 1981 não houve algum caso de separação ou desentendimento. Apenas o velho Gongo - hoje doente - e o cacique Paiô são bígamos. Teria a bigamia sido mais comum antes de 1977?

Há no momento seis rapazes solteiros e apenas uma garota. Terão que procurar mulher em outros Postos.

Os índios entram livremente uns nas casas dos outros, inclusive na do chefe da Frente - alguns, porém evitam claramente maiores intimidades com este último. Em matéria de alimentação, o espírito tribal prevalece. Sempre que um animal grande é caçado a comunidade inteira comparece para o festim. Em qualquer ocasião, a bebida i é generosamente servida. Nota-se, porém, que já existe o sentimento de privacidade de certos bens, todos objetos civilizados - a espingarda, as roupas, a lanterna, a mala fechada a chave. Os bens tradicionais, como colares, arcos, flechas, redes e utensílios de todos os tipos certamente são de uso pessoal - mas qualquer um tem esses objetos e todos sabem fazê-los quando necessário.

VI. TRABALHO, PRODUÇÃO E CONSUMO

Um dos principais papéis desempenhados pela FUNAI na aldeia é o de organizar o trabalho. Todos os homens, aí incluí dos os meninos com mais de dez anos, submetem-se a um regime de sete a oito horas de trabalho diário. Ao todo, trabalham 45 homens. Antes das 7 horas, já são convocados os que se demoram em suas casas. Tomado o café na cozinha, a um sinal do chefe, partem todos em fila, bota de borracha, chapéu de palha e fação na mão. Às 11:30, assoviando como nhambu, chama a turma pa

cão na mão. Às 11:30, assoviando como nhambu, chama a turma para o almoço. À tarde há mais quatro horas de trabalho.

As vezes algum índio resolve ir caçar ao invés de ir trabalhar com os demais - como se caçar não fosse um trabalho produtivo ! Nesse caso, o indivíduo em questão não recebe os brindes da sexta-feira, só entregues aos que compareceram diariamente. São algumas pilhas, sabão, quatro espoletas, umas 50 gramas de pólvora, chumbo, querozene, sal. Os que vão trabalhar, ingenuamente, contam ao chefe da Frente quem faltou. O caçador reparte a caça com os demais como é hábito; mas estes não repartem os brindes com o primeiro. Mantida a atual postura da administração, é provável que a caça só venha a ser autorizada em dias pré-fixados. Sem caça, a dieta das mulheres e crianças, que não tem acesso aos alimentos da cozinha, fica em pobrecida, reduzida à mandioca e ao milho.

O relacionamento entre os funcionários da FUNAI e a comunidade é amigável. Não foi observado conflito algum, mas isso não prova que não ocorram. No trabalho, vê-se os índios bem dispostos, pois gostam de estar juntos. Falam o tempo todo, riem muito, param para conversar, caçam o que aparecer, colhem mamões, bananas, raízes, mel.

No gráfico da aldeia (de autoria do chefe da Frente) está assinalada a expansão da área cultivável de 1981 para cá. Nesse ano, foram desmatadas e roçadas quatro glebas para o plantio de macacheira; três pequenas roças, de melancia, jerimum e cará foram plantadas nesse ano. Houve farto plantio de banana ao longo da pista de pouso. Foram plantados 4 sacos de arroz e colhidos 200; 4 de milho, e colhidos 150. Foi plantado na época errada (seca), um saco de feijão do qual se colheu só um saco.

Em 1982 já houve ampliações. Mei saco de amendoim produziu 20 sacos; 13 de milho renderam 300 sacos; 8 de arroz produziram 130; 4 de feijão, 48; colheu-se 5 toneladas de melancia; continuou o plantio de banana e iniciou-se o de cana. Dessas colheitas, há dois paióis cheios de milho e dois de arroz.

Os índios preferem consumir o milho novo, verde, e não tem necessidade desse estocado. Acham o grão muito duro. Também não gostam de pilar o arroz para descascar, além de não ser esse um alimento tradicional. Para que produzir tanto, violentando a economia tribal, avessa à superprodução? Para que fazer os homens trabalharem tanto? Esses estoques estão parados e o único comprador viável é a fazenda Castanhal. Um eventual contato comercial terá consequências desestruturantes incontornáveis. O dinheiro proveniente da eventual venda dos excessos seria aplicado em comptras comunitárias, capitalizando a economia. Se isso ocorrer, estará consumada a quebra da economia tribal.

O excedente de 1982 não serviu de lição. Pelo contrário, a tendência se agrava. Os índios não parecem dar-se conta do problema. Atualmente, estão limpando uma área enorme, para o plantio, na primeira semana de setembro do corrente, de 20 sacas de milho (se 4 produziram 150 em 1982, essas 20 poderão gerar 800 em 1983!), mais 10 sacas de arroz em meados de outubro e uma quantidade ainda não prevista de feijão em março de 1984. Toda essa nova roça deve perfazer, segundo os cálculos do peão, 100 hectares, ou 42 alqueires, medindo aproximadamente 500 metros por 2000 metros. Para o olhar leigo e uma ponderação intuitiva entre população e tamanho da roça, é demais. Tem-se a impressão de que com um vigésimo de roça e de trabalho os índios teriam o necessário e reconquistariam o que perderam.

O excesso de trabalho significa uma reafirmação cotidiana da autoridade da FUNAI em prejuízo da auto-determinação, do tempo de caçar, de fazer artesanato, do tempo lúdico, do tempo religioso e ritual, e do tempo de não fazer nada. O modo de ser tribal anterior ao contato (1977) se acaba, porque se instalou a compulsão da ética protestante. O índio agora recebe ordens para trabalhar em sua própria terra, em roças que não escolheu, em quantidades que não planejou, a troco de brindes e de um excesso de grãos que não pode consumir e não sabe vender.

É pretensão do chefe da Frente, através da venda de excedentes, alugar um trator da fazenda Castanhal para completar a abertura da estrada que a ligaria à aldeia, comprar dois animais de tração para transportar grãos ensacados a essa fazenda, além de uma máquina para beneficiar arroz e fazer farinha de mandioca (produtos esses alheios à dieta indígena). Pretende também que a FUNAI envie para a aldeia, por algum tempo, um operador de moto-serra para derrubar ainda mais florestas.

Não foram observadas interferências diretas no trabalho doméstico das mulheres, a não ser sua participação no plantio ou colheita. Ainda em setembro, já foi anunciado que elas deverão participar. O dia da mulher é todo ocupado; cuidar do permanente dos filhos pequenos, que leva consigo a toda parte; fiar algodão, buscar água, lavar roupa, catar lenha, colher mandioca, cozinhar, tecer cestos, esteiras e peneiras, fabricar colares e pulseiras. Tecer redes e fazer panelas de barro parece que já não se usa mais.

VII. SAÚDE

Desde que a SUCAM borrifou as casas em fins de 1982 não houve nenhum caso de malária. Na aldeia não há mosquitos no momento, nem insetos perigosos. Quanto a acidentes, houve apenas, no ano passado, o caso de um menino picado por uma sururuçu. Foi tratado em Porto Velho e salvou-se. Aparentemente a água é boa, não se tendo observado nenhum problema causado por sua ingestão. Em maio de 1982 uma mulher teve meningite e foi levada para Porto Velho, onde faleceu e foi enterrada. De seus dois filhos gêmeos, uma foi adotada pela enfermeira que trabalhava na Frente, e faleceu, supostamente de insolação; o outro, um menino, correu risco de vida e foi tratado em Porto Velho. Regressou durante minha estada tendo perdido uma vista. Foi adotado por uma mulher.

O atendente de enfermagem está na Frente há apenas um mês, não tendo conhecimento de casos de doença. A enfermeira que o precedeu desentendeu-se com o chefe e pediu sua transferência.

Diariamente, de manhã e à tarde, forma-se em frente à enfermaria um pequeno grupo esperando a hora de abrir. No geral, trata-se de queixas de febre, resfriado, gripe, dor de dente, dor de cabeça ou diarreia. Alguns bebês tem a cabeça coberta de feridas. Há naturalmente casos de cortes, ferimentos causados por espinhos, etc. Os índios certamente estão caindo num comportamento hipocondríaco, recorrendo a remédios diante de qualquer mal-estar, Mas devemos levar em conta que nos últimos seis anos, desde o contato, eles sofreram o impacto de moléstias totalmente desconhecidas, que os dizimaram, contra as quais seus remédios não surtiam nenhum efeito: O remédio químico passa assim a carregar a projeção de forças curativas que certamente recaía antes sobre ervas e raízes.

Não tive condições de avaliar se o provimento da farmácia é adequado ou não. O atendente queixa-se de pedidos feitos à FUNAI que não são atendidos. Ele improvisa como pode. Em casos graves, como malária, há sempre a possibilidade de pedir pelo rádio que o avião da FUNAI leve o doente para Porto Velho. A assepsia é passável, dada a precariedade de recursos, exceto o fato de usar o funcionário sempre a mesma seringa e a mesma agulha descartável - é que se jogá-las fora ficará sem nada.

Relata-se que há muitos meses o médico da FUNAI, Dr. Américo, não passa pela aldeia. De dentista não há notícia. Salvo poucas exceções, os índios estão com os dentes em péssimo estado, podendo-se arriscar que três quartos da população adulta já não tem os incisivos superiores.

Não há o menor indício de que sejam usadas ervas medicinais ou recursos terapêuticos tradicionais. Não se fala do pajé, que está internado em Porto Velho. Os índios dão a impressão de não saberem nada, de não terem tido jamais qual



quer conhecimento sobre a arte da cura, portando-se, muitos de les, como crianças indefesas. A tanto chegam os efeitos do contato.

VIII. CULTURA

A impressão geral é de empobrecimento cultural galopante. A roupa diminui e piora a imagem dos índios, assemelhando-os muitas vezes a peões ou mendigos. Parece que a nudez tornou-se sinônimo de um passado que começa a envergonhá-los. Os Zorô já não querem mais ser Zorô, querem ser outra coisa, que não sabem o que é. Sabem é que está no futuro, e que mais perto dela chegam quanto mais se familiarizarem com os civilizados. Pelo que pude julgar, os Zorô não tem imagens negativas dos brancos. O vasto mundo desconhecido, prenunciado por aviões e tornado concreto por coisas importantes que vão do sal ao remédio e à espingarda, se lhes afigura como a promessa do bom e do bem. Como a única coisa civilizada que conhecem é a fazenda Castanhal e o que acontece dentro da Frente de Atração, os Zorô não tem, nestes sete anos de contato, idéia alguma do tremendo perigo que o contato encerra. Saberão eles que sua terra, sua saúde, sua cultura e seu modo de ser o que são estão tragicamente ameaçados? Para responder a essa questão, seria preciso conhecer sua língua e seu pensamento. Mas a julgar pelo que se vê eles não sabem de nada.

O que quer que tenha acontecido de lúdico - danças, cantos, festas, enfeites, adornos, bebidas embriagantes - já não se vê mais. Teriam sido os missionários da New Tribes capazes de soterrar tudo isso em seu trabalho catequético de 1979 a 1981? A instâncias minhas, um homem me mostrou como cantava e como dançava. Imitava um pássaro. Era como se estivesse fazendo algo vergonhoso, que devesse ser reprimido. O chefe da Frente não é a favor de festas - sua idéia fixa é o trabalho. O único ritual, a substituir e englobar todos os outros que

certamente existiram é o culto protestante das sextas -feiras e domingos, longo, arrastado, monótono e morto. Que sentido pode ter para essa gente ficar repetindo narrativa do Gênese, ou dizer que Jesus Cristo é o caminho? O que cantam agora são hinos missionários em língua Zoró (há catecismos em Gavião , que é a mesma língua). No culto dominical houve comunhão com beiju de milho e água tinta com urucum. Essa conversão, surpreendentemente rápida e geral, aparentemente suprimiu toda a visão religiosa anterior, soterrando-a com camadas adquiridas de comportamentos padronizados. Com demasiada insistência, os índios me perguntavam se em São Paulo havia crentes - eles queriam assegurar-se de que estavam no caminho certo.

Os Zoró tem um traço identificativo gravado no rosto, que todos, jovens ou velho, ostentam. É uma tatuagem chamada Zoli, um risco azulado feito com um espinho que contorna o rosto de um olho a outro. Trata-se sem dúvida da marca indelével de uma iniciação. Já não se fala mais sobre o assunto. Os rapazes mais novos não tem essa marca, dizem que a acham feia e não querem fazê-la. A quem estão agradando com essa fala?

Além do Zoli, os homens adultos tem uma perfuração no septo nasal, chamada amiãe, onde costumavam enfiar uma pena de arara. Já não fazem mais isso e restam poucas dessas penas, guardadas como coisa velha, sem valor. No lábio inferior, todos ostentam outra perfuração. Antes do contato, os homens aí enfiavam uma belíssima peça de âmbar, do tamanho de um lápis, chamada metiga. Hoje apenas meia dúzia de homens maduros usam essa peça, agora cortada, reduzida a não mais que dois centímetros. Muitos simplesmente as abandonaram. Não sei dizer em que ocasião eram usadas as metigas. Teriam sido os missionários os responsáveis por essa rejeição dos sinais da própria identidade? Devido a minha insistência, um homem reconstituiu juntando partes encontradas numa casa ou noutra, o adorno de cabeça típico dos homens Zoró: consiste num aro duplo de taquara que sustenta um cocar de penas de gavião e um leque de penas de arara. O adereço é belíssimo, chama-se

andárap. Ninguém possuía nenhum. As penas de arara que vieram à luz estavam roídas de barata. Um dos índios mais íntegros, no sentido de preservação de um estilo de vida, mostrou-me sua me tiga: estava partida em três.

Nota-se um progressivo abandono do arco e flecha como armas de caça, em favor da espingarda. É possível que acabem se reduzindo a meros objetos de troca, equivalentes a uma camiseta comprada por alguém em Ji-Paraná ou a um par de sandálias havaianas. Os meninos ainda sabem manejá-los; mas o sonho que terão será a espingarda. E a munição, será ganha em troca de trabalho assíduo.

As mulheres são mais ligadas à tradição do que os homens, talvez porque sobre eles recaia o peso de confrontar diretamente os agentes da civilização - como por exemplo os funcionários da FUNAI. Sua vida cotidiana pouco se alterou, continuando elas a exercer todas as técnicas artesanais para a confecção de seus utensílios.

O que se mantém intacto, e deve ser preservado a qualquer custo - mantendo-se o território indevassável e as condições materiais e psicológicas de vida tribal inalteradas - é o espírito comunitário, a serenidade, o bom-humor e uma sadia inocência diante do mundo e das pessoas. Não se percebe o menor traço de neurose. O problema que se avoluma é o desejo de possuir coisas e civilizar-se. Essa é a questão. Os Zoró estão fascinados, irresistivelmente, por aquilo que é seu oposto e que pode em pouco tempo aniquilá-los.

IX. CONCLUSÕES

a) demarcação e efetiva proteção da área é imperiosa e este é o momento ótimo para realizá-la. A cada dia que passa, mais se fecha o cerco das fazendas. A se julgar pelas informações obtidas, a FUNAI tem-se omitido completamente a respeito, não tomando nenhuma providência e nem mesmo informado o chefe da Frente sobre os prováveis limites da área;

b) É necessário programar com a necessária frequência as visitas do médico, do dentista e da SUCAM;

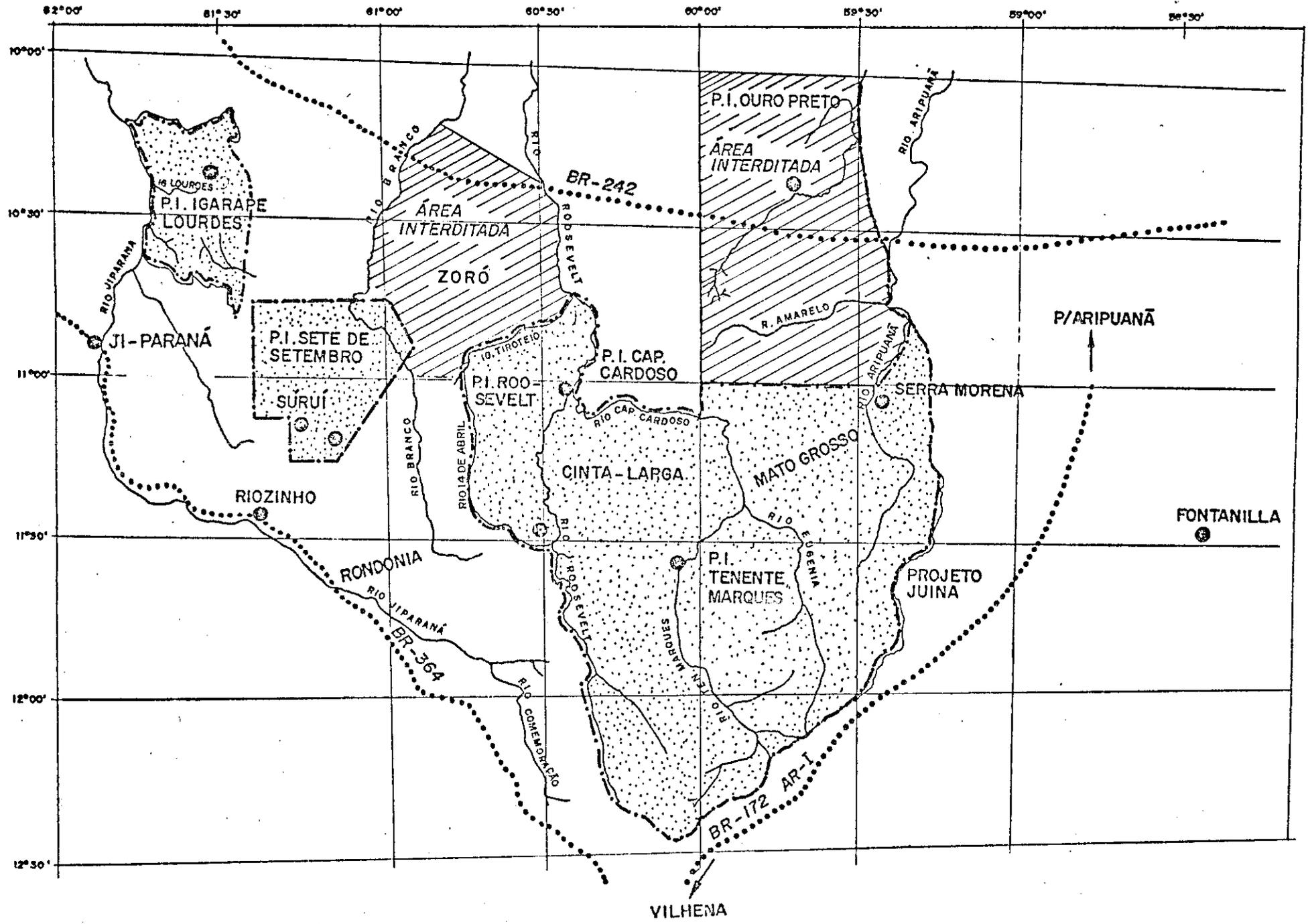
c) Deve ser feito um trabalho de revalorização cultural, restituindo ao índio a noção da importância e do valor da quilo que ele é, sob pena da comunidade se desestruturar;

d) Uma orientação firme deve ser dada ao chefe da Frente com respeito à crescente super-produção de alimentos, ao regime de trabalho rígido e ao desmatamento. Os próprios índios devem decidir sobre sua economia e suas atividades. Os funcionários da FUNAI devem ser orientados para que entendam que seu papel é de tutores e não de feitores. Devem também ser esclarecidos a respeito da imperiosa necessidade de se preservar a cultura indígena a qualquer custo;

e) Recomenda-se que a Frente de Atração Zorô seja daqui por diante visitada regularmente, para com base neste relatório, observar-se alterações no quadro descrito.

Í N D I C E

	Pág.
1. RELATÓRIO ZORÓ	001
2. RELATÓRIO ARIPUANÃ	035
3. RELATÓRIO KARITIANA	045
4. RELATÓRIO KARIPUNA	065
5. RELATÓRIO GAVIÃO	076
6. RELATÓRIO ARARA (KARO).....	118
7. RELATÓRIO URU-EU-WAU-WAU e URU-PA-IN	136



MINISTÉRIO DO INTERIOR - SUDECO
FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS - FIPE

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DO
PARQUE INDÍGENA DO ARIPUANÃ

Carmen Junqueira

Novembro
1983

ÍNDICE

	Pág.
I. INTRODUÇÃO	037
II. INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A ADMINISTRAÇÃO	039
III. RESUMO DA SITUAÇÃO NAS ÁREAS INDÍGENAS NO PERÍODO JAN/ /OUT- 1983	039
IV. REIVINDICAÇÕES E NECESSIDADES	042

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DO PARQUE INDÍGENA DO ARIPUANÃ

I. INTRODUÇÃO

O objetivo central da viagem era observar o desenvolvimento dos trabalhos da FUNAI relativos à proteção da saúde e do território indígena.

Em dezembro de 1982 constatou-se que a alta taxa de mortalidade, tanto de adultos como de crianças, mantinha-se constante apesar da relativa melhoria introduzida na área de saúde. A construção de nova enfermaria, a contratação de médico e a compra de algum equipamento possibilitaram melhor atendimento dos índios removidos para Riozinho, sede da administração do Parque. Os efeitos positivos dessas medidas atingiram principalmente a população Suruí que está a pouco mais de 50 Km de Riozinho e tem com isso maior facilidade de comunicação, o mesmo não ocorrendo com a maior parte da população Cinta Larga dispersa pelo interior do Parque inclusive em áreas que distam mais de 200 km em linha reta da Sede. Impunha-se portanto um acompanhamento regular e continuado na área de saúde, num esforço de identificar os fatores responsáveis pela persistência da alta mortalidade.

Igualmente preocupantes foram as reiteradas notícias de invasão da área Cinta Larga, nas imediações do rio Roosevelt, e de atritos entre índios e garimpeiros na área interdita, a nordeste do Parque.

Infelizmente, não foi possível visitar a área interdita. Após alguns dias de permanência em Riozinho, na sede da administração do Parque, segui para Serra Morena, o posto mais próximo dessa área. Segundo informações locais, a 8a. Delegacia Regional da FUNAI teria entrado com uma ação na justiça para a retirada dos invasores e com isso, as relações entre as partes estavam tensas, sendo desaconselhável seguir para a

área com o pessoal da FUNAI. A melhor solução era ir para Serra Morena onde moram parentes dos Cinta Larga da área interdita e de lá seguir viagem com dois ou três índios até a área, hospedando-me na aldeia próxima ao garimpo. Seria possível não só observar as instalações da empresa, mas obter o depoimento dos índios sobre os atritos que vinham ocorrendo entre eles e garimpeiros.

Serra Morena estava cheia de visitantes, cerca de 60 índios do rio Amarelo, inimigos tradicionais dos moradores locais. Esses índios teriam vindo trazer artesanato para ser vendido em Riozinho e aguardavam os artigos que receberiam em troca (roupas, panelas, instrumentos de trabalho, etc.). Sua permanência em Serra Morena já se estendia por dois meses, devido principalmente à lentidão da FUNAI para vender o artesanato e remeter as mercadorias solicitadas. Acomodados em instalações do Posto, esses índios vinham retirando alimento das roças indígenas, reduzindo perigosamente o nível de estoque dos moradores de Serra Morena.

O clima tornava-se sempre mais tenso, até que um atrito maior, envolvendo a disputa de uma mulher, fez com que os ânimos se acirrassem. Houve então brigas, tiros e possivelmente a morte de um índio visitante (cujo corpo não foi encontrado). Instaurou-se o clima de guerra. A perspectiva de ataque e contra-ataque polarizava as atenções e orientava as atividades diárias.

Foi somente depois desse trágico desfecho que os índios se dispuseram a ir à área interdita. Mal iniciamos os preparativos para a viagem, tive uma crise de malária que foi inicialmente tratada no Posto, 10 dias depois em Cacoal (RO) e finalmente em São Paulo, onde fiquei hospitalizada.

Apesar desses imprevistos, foi possível observar a atuação da FUNAI em Serra Morena, em especial os trabalhos ligados à produção e à saúde. A esses dados, foram incorporadas informações adicionais obtidas em Riozinho e nas aldeias Suruí coletadas por Betty Mindlin em sua última viagem à Rondônia.

II. INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE A ADMINISTRAÇÃO

O Parque Indígena do Aripuanã tem novo administrador desde maio último, o Sr. Francisco de Assis, que tão logo tomou posse seguiu para o igarapé Lajes (área do P.I. Roosevelt) para retirar invasores. No dia 05/05/83 foram retirados 8 garimpeiros chefiados pelo Sr. Lucas que acamparam no rio Roosevelt para extrair ouro e diamante. Posteriormente, tomou-se conhecimento de novos invasores que seguidamente estavam entrando em terras indígenas.

Essas ocorrências mostram mais uma vez a importância de se reavivar os limites do Parque. Embora tenha sido enfatizado a necessidade de tal medida no relatório de janeiro de 1983, nenhuma medida concreta foi tomada pela FUNAI.

Com relação à saúde, expirou em 31/03/83 o convênio da FUNAI com o Hospital São Paulo em Cacoal, não havendo interesse do seu proprietário em renová-lo. O administrador do Parque encaminhou a Brasília em 04/05/83 uma proposta de convênio com o Hospital Jesus Nazareno, também em Cacoal, não tendo recebido até agora qualquer resposta. Tal demora tem acarretado vários problemas, entre eles o pagamento individualizado por atendimento dos índios internados.

Em novembro último uma epidemia de sarampo atingiu os índios Mequém (Pimenta Bueno), atualmente assistidos pelo Parque, tornando necessário o tratamento de 10 deles em Cacoal. Em dezembro, 4 índios Mequem faleceram. A ausência de convênio o hospitalar pode dificultar de modo acentuado a tomada de medidas emergenciais em situações desse tempo.

III. RESUMO DA SITUAÇÃO NAS ÁREAS INDÍGENAS NO PERÍODO JAN-OUT/83

1. Suruí

- Estão sendo construídas a enfermaria e a escola da Linha 11, e foi comprada uma motocicleta para o enfermeiro do P. I. Sete de Setembro, que assim pode atender com rapidez à popu

lação das Linhas, enquanto não é nomeado um novo enfermeiro para as Linhas. Na verdade, mesmo com a moto, o enfermeiro só consegue atender à população da Linha 11 e à do Sete de Setembro, dada a distância das Linhas 8, 9 e 10.

- Houve grande apoio do Parque à produção de café dos Suruí. Foi nomeado um agrônomo para o Parque, que tem orientado com eficiência o uso de defensivos e produtos para limpeza do café (Paracol). Um veículo novo para os Suruí foi comprado, possibilitando melhor transporte para o escoamento da produção de borracha e café. Estão sendo melhoradas as estradas internas, mas os recursos são insuficientes.

- Houve 3 mortes no período: um menino de 8 anos, que estava vivendo na área Karipuna com os pais, contraiu malária e faleceu em Porto Velho; uma criança de 6 meses, em outubro, de meningite, embora sob cuidados médicos em Riozinho; e um menino de 2 anos, cuja mãe Cinta Larga deixara a área há tempo, faleceu em Porto Velho em novembro. Em dezembro morreram mais 3 pessoas. 1 homem adulto, 1 rapaz e 1 nenê recém-nascido. Nasceram entre janeiro e outubro, 11 crianças no Sete de Setembro e 8 na Linha 11.

2. Cinta Larga

Em Serra Morena estava implantado um projeto agrícola de arroz com o trabalho do chefe do Posto, dois assalariados da FUNAI e da maior parte dos homens da aldeia Cinta Larga, muito embora no último relatório tenha sido fortemente aconselhada a separação entre a economia do Posto e a economia indígena. Na ocasião, mostrou-se que projetos desse tipo não trazem benefício à comunidade e mesmo interferem de modo negativo na organização da economia comunitária.

Para enfrentar o aumento das necessidades de consumo de artigos industrializados, a FUNAI deveria apoiar as atividades indígenas de coleta da castanha e extração da borracha. Tal apoio seria restrito ao aconselhamento e ao fornecimento de equipamento básico (tigelas e facas, no caso da borracha), deixando aos índios a definição do tempo e do ritmo de trabalho.

Todos os Postos do Parque contam atualmente com atendentes de enfermagem. Mas verificou-se que a designação desses servidores não garante a continuidade dos serviços de saúde. Serve de exemplo o caso de Serra Morena, onde uma crise de malária afastou o atendente durante meses, sem que se estabelecesse um sistema de substituição. Seria da maior importância que nas áreas mais expostas à malária, onde estão localizados os Postos mais isolados, fosse rotina a presença permanente de atendente de enfermagem, o que pressupõe um esquema de substituição incorporado à rotina administrativa do Parque.

De dezembro de 1982 a maio de 1983 morreram duas crianças com menos de dois anos em Serra Morena. Uma delas acometida de malária precisava ser removida para Riozinho ou Cacoal. Segundo informações que recebemos, a aeronave foi solicitada no fim de semana, em caráter de urgência. Mas por tratar-se de fim de semana, a aeronave não foi providenciada, vindo a criança a falecer no dia seguinte. Este evento mostra que vários problemas precisam ser atacados de forma vigorosa:

1) os pedidos de remoção urgente devem necessariamente ter prioridade sobre qualquer outro assunto, pois o seu não atendimento configura claramente omissão de socorro, devendo a carretar medidas judiciais cabíveis.

2) Nos Postos mais isolados, acessíveis apenas por via aérea, a comunicação pelo rádio deve ser diária, incluindo sábados, domingos e feriados. Pois é de fundamental importância que a administração do Parque tenha forma de atender as emergências em qualquer dia da semana. A insegurança que o isolamento cria é danosa não só para a saúde dos índios, mas também dos funcionários e seus familiares.

3) Em dezembro de 1982 a SUCAM borrifou as casas dos Postos. Em Serra Morena durante maio e junho de 83 era enorme a quantidade de carapanãs (incluindo o anofelino) em todas as casas. Isso mostra que precisam ser tomadas medidas preventivas mais eficazes. Técnicos da SUCAM deveriam ser consultados para, com a administração, definirem uma política conjunta que

envolvesse novo cronograma de borrifação e mesmo outras modalidades de combate ao problema.

Presume-se que seja alta a incidência de malária, mas como não há fichas de controle médico, faltam dados seguros a respeito. Mas é provável que a malária se constitua numa das maiores causas da mortalidade infantil e mesmo de adultos na área.

IV. REIVINDICAÇÕES E NECESSIDADES

I) Recursos - a) para a melhoria da estrada da Linha 11 até a divisa, na área Suruí, indispensável para o transporte do café; b) para a construção de estradas internas ligando as Linhas 8, 9 e 10 ao Posto Sete de Setembro.

II) Construção de enfermaria na Linha 9, para atender à população residente nas Linhas 8, 9 e 10 e nomeação de um enfermeiro, além de apoio ao restante das construções na Linha 11. (Área Suruí-Sete de Setembro)

III) Construção de um poço na Linha 11 no local da enfermaria, onde não há água e existe o perigo de doenças. O enfermeiro do Sete de Setembro deverá residir aí, onde a população é maior.

IV) Construção de um poço artesiano no Posto da Linha 14.

V) Providenciar vacinação anti-rábica dos cães dos dois Postos Suruí.

VI) Recursos para o reavivamento dos limites e a fiscalização do território Suruí pois há, segundo o próprio coordenador Geral do INCRA em Rondônia, Ernani Coutinho, perigo permanente de invasões.

VII) Demarcar a área dos Índios Mequém. São cerca de 40 a 50 índios, perto de Pimenta Bueno. Há necessidade de uma viagem à área pelo POLONOROESTE para uma avaliação da situação em que se encontram, pois consta que a empresa Laframa do Norte quer proibí-los de tirar seringa nas terras onde estão.

VIII) Transferência da Casa do Índio para o outro lado da BR 364, dado o constante perigo de atropelamento.

IX) Medidas urgentes para sustar a instalação de uma hidroelétrica planejada para o rio Aripuanã, próxima de Juína, pelo governo de Mato Grosso.

X) Recursos para o término da estrada que liga a fazenda Brechô ao Posto Indígena Roosevelt, a fim de permitir o escoamento da produção indígena até Espigão D'Oeste.

XI) Demarcação da área interdita Cinta Larga, onde têm sido constantes os atritos entre índios e garimpeiros, e retirada dos invasores.

XII) Reavivamento dos limites do Parque, pelo menos nas áreas críticas de Serra Morena e Roosevelt.

XIII) Recursos para vôos de vigilância, para evitar novas invasões.

XIV) Recursos vinculados para vôos de remoção de doentes graves dos Postos mais isolados.

XV) Estabelecer plantão para o atendimento do rádio da sede nos sábados, domingos e feriados, e medidas para assegurar a presença ininterrupta de atendentes de enfermagem nos Postos.

XVI) Entendimentos com a SUCAM para incrementar medidas de prevenção à malária.

XVII) Implantação de um sistema de controle individual de saúde (fichas nos Postos e na Sede do Parque).

XVIII) Substituição dos atuais projetos econômicos por programas de apoio às atividades econômicas administradas pela própria comunidade indígena. O apoio deve incluir aconselhamento técnico, fornecimento de equipamento básico, condições para armazenamento e transporte e intermediação da FUNAI na comercialização do produto, juntamente com os índios.

XIX) Implantação de via de comunicação por água e terra para facilitar o escoamento da produção indígena (castanha e borracha) de Serra Morena e veículos e recursos para manutenção.